



O TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

A CRISE NA INDÚSTRIA TÊXTIL É CADA VEZ MAIS GRAVE

MAIS MISÉRIA PARA OS OPERÁRIOS DOS «INGLESES»

Tal como o «O Textil» vem relatando e afirmando, a crise na indústria têxtil longe de estar estancada vai-se agravando cada dia que passa sem que os governantes da Nação tomem qualquer medida que ajude a atenuar esta crise, mas, ao contrário, eles ajudam os grandes industriais a atacar com os operários para a miséria, tal como aconteceu agora nos «Inglezes».

Esta empresa, que tinha já há alguns meses encerrado praticamente as suas portas, ainda estava a pagar aos seus operários e operárias um subsídio semanal de 3 dias, subsídio este que a gerência resolveu terminar a partir do começo de Agosto. Combatedores das tradições de unidade e luta das nossas operárias, os patrões desta empresa, semendo à indignação que esta decisão lhe causou, tiveram o cuidado de solicitar do governo o envio de numerosas forças da PIDE e da P.S.P. que ocuparam a empresa enquanto eram pagas as indenizações aos operários.

Assim, o governo que devia ter a preocupação de evitar que a miséria aumentasse no país, ainda colabou no agravamento dela na medida que mandou a polícia tomar posição contra perto de 2 mil portugueses e suas famílias para defender uma fábrica de exploradores estrangeiros!

A SOCIEDADE TÊXTIL DO SUL, VAI FECHAR

Tal como o Século de 10-8 anunciou esta empresa de Albandra está em risco de fechar as suas portas atirando para a miséria cerca de 200 operários além dos 500 que já despediu anteriormente. Estes despedimentos, juntamente àquelles que relatámos neste e noutros números de «O Textil», e as ameaças de outros que poiram em quase todas as empresas tornam a situação cada vez mais trágica para todos os operários desta indústria; nós porque ficam reduzidos à miséria, outros porque os seus empregos estão cada vez mais ameaçados.

Como fazer face a esta situação? Os operários e operárias dos «Inglezes» e da Têxtil do Sul têm estado a recolher assinaturas para enviar ao Sr. Ministro das Corpo-

rações, I.N.T., etc. Estas coisas sendo inteiramente justas, não bastam para resolver uma situação difícil como esta. Os trabalhadores dos «Inglezes», da Têxtil do Sul e de todas as empresas onde hajam despedimentos ou o perigo deles se darem, deverão unir-se e não acedarem os despedimentos. Cada trabalhador despedido, ajudado por todos os companheiros que ainda trabalham, deve apresentar-se ao trabalho mesmo que os patrões pretendam fechar as fábricas, ao mesmo tempo os trabalhadores devem dirigir-se em massa ao Sindicato para exigir das direcções que actuem em defesa da classe e não se dêem a par disto desde que os trabalhadores dirigem as autoridades para que elas tomem providências, se os industriais não querem trabalhar com as fábricas que o governo tem conta delas e as pagaria a trabalhar, ou então que lhes seja dado um subsídio de desempregados. Se durante tantos anos estes trabalhadores andaram a descontar para o Fundo do Desemprego é justo que seja deste fundo um subsídio para os auxílios.

Operários e operárias têxtil vós não deveis ficar de braços cruzados, isso serviria para permitir que a miséria se lastasse definitivamente nas vossas casas.

Unidos fazei valer os vossos direitos.

O 1.º DE MAIO EM TORTOSENDO E COVILHA

Os nossos camaradas de Tortosendo e Covilha, seguindo uma tradição já antiga, festejarão o 1.º de Maio, dia de festa para os trabalhadores de todo o mundo. Este dia, considerado como o dia dos trabalhadores pelos governantes de quase todos os países, assim como por sua Santidade o Papa Pio XII, ainda é proibido em Portugal!

Só porque a imensa maioria das trabalhadores de Tortosendo resolveu festejar este dia, não conseguindo no trabalho, o governo mandou encerrar as fábricas por uma semana e ocupar militarmente a vila por forças da G.N.R. e P.S.P.

Também na Covilhã a maioria dos operários não trabalhou neste dia, apesar das ameaças e das promeças que os patrões lhes fizeram.

Desta maneira os nossos camaradas têxtil de Tortosendo e Covilhã dem a fazer o exemplo de unidade.

Companheiros de Tortosendo e Covilhã! «O Textil», em nome de toda a classe, saudavos pelo vosso magnífico exemplo.

Bravo! Companheiras da Senhora da Hora!

Aproveitando a passagem do 50.º aniversário da empresa «S.ª da Hora», dia de festa para todos os que lá empregam o seu tempo e esforço (especialmente para os directores) as nossas camaradas da S.ª da Hora que, há muitos, resolveram dirigir-se ao sr. Pinto de Azevedo para lhe pedir:

1.ª—Que o período de permanência dos seus filhos na creche, passe de 2 para 4 anos tal como inicialmente acontecia.

2.ª—Que fosse construída a maternidade promida desde há muito, mas cuja construção nunca mais aparece.

3.ª—Que a empresa lhes pague os medicamentos que a Caixa não dá.

A estas justas e humanas pretensões respondeu o sr. Pinto de Azevedo que não sabia que as crianças só estavam na creche os 2 anos pois julgava serem 31 como se o sr. Azevedo não soubesse o que se passa na sua fábrica! Entretanto prometeu satisfazer estas reivindicações.

Quanto à Maternidade diz esperar que o governo dê a sua contribuição há muito prometida, mas prometeu que de futuro as operárias iriam a Maternidade Júlio Dinis a expensas da fábrica. E sobre os remédios prometeu pagar os mais caros.

Esta luta das nossas camaradas da S.ª da Hora pode assim tornar-se uma grande vitória se elas souberem insistir junto do patrão para que as suas promessas não fiquem esquecidas. Se assim procederem os seus resta exclamar:

Bravo companheiras da S.ª da Hora, vós de novo demonstrastes que nós só somos ouvintes quando estamos unidos.

LUTA CONTRA OS 4 TEARES

A ideia de que o trabalhar com 4 teares podia trazer um razoável aumento nos salários as operárias hoje existem tão completamente posta de lado, pois elas verificam que, não só não ganham em relação ao esforço despendido, como vêem as suas forças diminuírem de dia para dia. Por estes motivos têm havido protestos em várias empresas e agora podemos juntar mais um que nos mostra bem quanto presta a nossa unidade e firmeza.

Na C.U.P. do Barreiro, 5 mulheres juntaram-se e foram falar com o engenheiro porque estavam a trabalhar com 4 teares e só recebiam de Boleo a rodado, por semana, dizendo-lhe também que não aguentavam o ritmo de trabalho que os 4 teares impõem, pois se sentiam enfraquecer bastante e durante na segunda-feira seguinte não trabalhariam com 4 teares.

Na segunda-feira, tal como tinham dito, as operárias não pagaram no trabalho com os 4 teares estando até às 6 horas paradas junto delas e assim o engenheiro teve de mandar desmanchar 8 grupos que englobam 24 mulheres, mas durante essa semana foram desmanchados mais cerca de 25 grupos, englobando mais 73 mulheres, que ficaram a trabalhar só com 3 teares.

Agora só trabalham com 4 teares as operárias que trabalham com automáticos.

Companheiras que trabalham com 4 teares, se não queris arruinar a vossa saúde para sempre segui o exemplo das nossas colegas da C.U.P.!

A VOZ DOS LEITORES

No fábrica «Batalha» continuam os despedimentos

Nesta empresa onde ainda há bem poucos meses foram despedidos 70 operários, vão correndo boatos lançados pelos patrões de que há pessoal a mais e trabalho a menos, entretanto, isto não passa de uma manobra habilidosa e desonesta para nos explorar ainda mais. Só assim se pode compreender que ao mesmo tempo que nos ameaçam de despedimento, nos obrigam a fazer horas extraordinárias que não nos pagam com os 50 por cento como manda a lei.

Esta situação que nos traz a todos preocupados não pode continuar assim, e portanto, nós operários da «Batalha» temos de assentar, naquilo que mais convém fazer. Mas, a nossa opinião é que devemos juntar-nos todos e irmos aos patrões, assim como ao Sindicato e L.N.T. para fazer valer os nossos direitos pois a experiência dos nossos companheiros de outras fábricas mostra que sempre que os operários se apressam em unidos as suas reclamações são atendidas, mas se eles reclamam um por cada vez ninguém lhes dá nenhuma.

Companheiros de trabalho! unimo-nos aos também para reclamar os nossos direitos porque só assim a Vitória será nossa.
(Um operário da «Batalha»)

Continuam os despedimentos nos Marinheiros

Tal como os patrões desta empresa prometeram aos nossos colegas que lá trabalham, os despedimentos continuam e o número de suas mulheres que eles dizem despedir é gravável que já esteja ultrapassado, pois já em Abril os despedimentos subiam a mais de 150, fora os colegas operários.

Estes senhores que durante e no após guerra ganharam dezenas e dezenas de milhares de contos, enquanto os operários se faturam de passar fome, despedem agora sem a mínima consideração pelos trabalhadores e ainda por cima lhes roubam nas engrossas indemnizações que têm direito a receber. Ain-

da recentemente uma operária com 20 anos de casa foi despedida sendo-lhe dada uma indemnização de 1.000\$00 e só depois de o seu companheiro lá ir protestar e que lhe foram dados mais 300\$00. Como se vê é assim que os patrões tratam a uma operária que após 20 anos de esforço e canseira, quer dizer, depois de lhe terem comido a carne e chapado os ossos, ainda lhe queiram roubar quase metade da meagre indemnização a que tinha direito.

Até quando os patrões, protegidos pelo governo, podem continuar a tirar os operários e operárias têxteis como se eles não fossem seres humanos? Só a nós operários têxteis compete responder a esta pergunta.

Um Têxtil

PARECE UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Na fábrica do Conde de Vizeu, os trabalhadores vivem um regime que mais parece um Campo de Concentração, além da mais desenfreada exploração.

Recebemos uma carta dum companheiro que trabalha nesta empresa, e que entre outras coisas nos conta: Que os salários que entram noutros tempos de 3\$500 são hoje de 2\$850, que sob a ameaça de despedimento os trabalhadores não podem, desde que entram na fábrica, falar uns com os outros, não podem perguntar nada acerca da forma como os colegas do turno anterior deixaram o trabalho organizado, não podem desviar os olhos das máquinas nem sequer sorrir uns para os outros; que a miséria é de tal maneira grande que os operários e operárias vão para o trabalho, rastos, descalços e quase sempre cheios de fome!

Companheiros e companheiras da empresa do Conde de Vizeu! não permitis que vos tratem como escravos nem que vos roubem e descuradamente. Se vos unirdes fareis recuar os vossos exploradores.

Um Operário de Vila do Conde

Reunião de Industriais Têxteis

No mês de Abril reuniu-se na Associação Industrial do Porto a secção da indústria têxtil tendo comparecido a volta de 100 industriais, pequenos e médios, e alguns grandes entre os quais M. Pinto de Avevedo.

Segundo nos consta nesta reunião foi convocada para tratar de 2 problemas fundamentais para a indústria. O 1.º relaciona-se com a possível entrada de Portugal para o Mercado Comum Europeu. O 2.º era estudar a possibilidade de alargar a exportação para novos mercados.

Quanto ao 1.º problema sabemos que foi resolvido por unanimidade transmitir ao governo que os industriais têxteis não concordam com a entrada de Portugal no Mercado Comum pois isto significaria a ruína total de toda a indústria.

Nos operários têxteis que não explorados e desconsiderados temos sido pelos industriais, não podemos deixar de estar a seu lado ao acerca deste problema. Pois se a entrada de Portugal no tal dito Mercado Comum po-

de ainda trazer para a classe mais miséria do que a que já cá há, então não fora com este Mercado e desde já aconselhámos todos os operários e operárias têxteis a escrever às autoridades pronunciando-se contrários a esta ideia.

Quanto ao 2.º ponto sabemos que foi resolvido pedir ao governo autorização para se exportar livremente para todos os países, incluindo a U.R.S.S. e a China.

Sobre este problema também nós operários não podemos deixar de apoiar os patrões pois na verdade se o nosso país tiver relações comerciais com estes e outros países estamos certos que a crise entre nós não seria tão grande e portanto a miséria seria muito menos nos lares dos operários Têxteis.

Por este razão aconselhámos igualmente todos os trabalhadores têxteis a enviarem cartas ao governo pedindo para que sejam estabelecidas relações comerciais com todos os países.

Como decorreram as eleições sindicais

Realizaram-se eleições para o Mês de Maio de 1957 no Sindicato Têxtil de Fátima e no Sindicato em Vila do Conde.

No Sindicato do Porto apenas foi apresentado uma lista exclusivamente de patrões, essa lista não teve o apoio dos trabalhadores têxteis.

O que impediu os trabalhadores têxteis de apresentar uma lista de Unidade em oposição à direcção, residiu no facto de não terem criado comissão eleitoral no fabrico da Fátima e na impossibilidade de fazerem uma direcção de trabalhadores honrados. Quando esta eleição seria o trabalho principal para nós, enquanto a direcção defende os interesses da classe.

Na secção do Sindicato Têxtil em Vila do Conde apresentaram a apresentar as eleições três listas, duas de oposição e uma organizada pelo director do fabrico e o chefe de turma da direcção do Sindicato. Apresentaram estas eleições desastrosamente grande interesse na classe têxtil da região compreendendo a indústria cerca de 400 trabalhadores, ficando a liderança mais de 400 votos contra a sua direcção regularizada. Venceu as eleições uma das listas de oposição que teve mais de 500 votos de apoio.

Paradoxo que o maior voto verificou estas eleições não foi no fabrico dos trabalhadores, mas sim nos seus capazes de impedir a apresentação de três listas o que revelou chuvas com o divórcio da classe, abandonando a direcção e a direcção e a lista de oposição de uma direcção honrada para defender as reivindicações de todos.

Agora que lá se realizou a eleição de uma direcção, não nos vamos pôr trabalhadores, o que importa é que o único cristo no campo eleitoral não correia que todos os trabalhadores têxteis se unam numa única Comissão de Unidade Sindical que nos trabalho conjunto com a direcção a que se apresentem cumprir as tarefas que a direcção nos tem apresentado cumprir o trabalho colectivo.

O mesmo comité deverá seguir as reivindicações da lista de oposição e a direcção da classe a não hesitar e se conseguirem uma unidade sólida e possível levarem a direcção do Sindicato a desistir também os vossos interesses.

APELO DE O TÊXTEL A TODOS OS COMPANHHEIROS DE TRABALHO

Companheiros e O Têxtil, jornal que lá está publicado, quer que a situação do explorado e de miséria toda a classe e que ao mesmo tempo fustige e tem a pretensão de ser o unificador e portador por todos os trabalhadores e operários não nos conseguimos desempenhar esta papel como desejamos. Mas porque não nos unirmos e juntos e corajosamente lutar pelos seus objectivos, a Redacção lançou este Apelo com a esperança de que ele será ouvido e compreendido por todos os companheiros de trabalho.

Companheiros para que o nosso jornal possa defender os interesses de todos os explorados e não expressar as ideias e opiniões de todos é necessário que de cada empresa nos cheguem notícias e relatos dos problemas relativos aos trabalhadores, seja nos momentos mais críticos acerca de novos despedimentos ou a suspensão dos salários nos dias de greve, seja nos momentos mais críticos por ocasião do despedimento, das horas extraordinárias como manda o lei, das aplicações de cutras por falta de trabalho, das reivindicações expressas pelos patrões e empregados, seja por pessoal, ou mesmo da falta de higiene nos locais de trabalho ou falta de segurança, seja nos momentos mais críticos, quando os companheiros que se a postos em cada empresa, que os nossos exploradores e os seus líderes pretendem fazer muito mais cuidados nos lares dos trabalhadores e de seus familiares, seja nos momentos mais críticos a vontade para fazerem o seu trabalho.

Companheiros não se julguem que os fazemos é que não enviam os vossos críticos a não dizem sobre portavam de ver o nosso jornal!

Ade as vossas notícias de problemas, queridos companheiros, envia logo o trabalho assegurado.
A Redacção